

Ramana

Amor Supremo

Conhecendo o Bhagavan



Ramana

Amor Supremo
Conhecendo o Bhagavan

Vera Carolina



PoD
editora
Rio de Janeiro
Janeiro 2013

Ramana

Amor Supremo

Conhecendo o Bhagavan

Copyright © 2013

Todos os direitos são reservados, no Brasil por:

Vera Carolina



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Capa:

Leonardo Carvalho

Copilação e Diagramação:

Vera Carolina

Revisão:

José Stefanino Vega

Impressão e Acabamento:

Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

Ficha Catalográfica

Carolina, Vera

Ramana Amor Supremo – Conhecendo o Bhagavan / Vera Carolina. - Rio de Janeiro : PoD, 2013.

132p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-858225-012-9

1. Espiritualismo 2. Biografia – Maha Yoga 3. Auto-Realização. I. Título.

07.01.13 08.01.13 024428

Sumário

Prefácio.....	9
1º Capítulo O CHAMADO	11
Venkataraman	11
O Chamado.....	15
O Monte Arunachala	17
Ramana – Sad Guru	23
2º Capítulo O Ensino.....	27
Maha Yoga – A singularidade do Caminho de Ramana	27
Viver Sem Ego	32
Submissão.....	35
Hridayam	37
Vasanas (Tendências).....	38
Silêncio	39
3º Capítulo O Discípulo.....	43
4º Capítulo A Mãe	45
5º Capítulo Seu Amor Pelos Devotos.....	47
Uma Preciosa Relíquia.....	48
A História de Sundarammal.....	50
Cinzas Sagradas.....	52
“Dê-me Todos os Seus Pecados”.....	54
Assim no Animal como no Homem	56
A Última Upadesa.....	57
Aprendizado na Cozinha	58
6º Capítulo Seu Amor pelos Animais.....	60
Os Macacos	60
Lakshmi	61
Esquilos.....	62
Cães	62
Vacas	64
7º Capítulo O Pai (Arunachala) vela pelo Filho	65
Arunachala – Bondade Personificada.....	65
Iniciação Rejeitada	65
Açúcar e Bananas – Na Hora Exata.....	67
A Mudança.....	68
O Que o Fogo não Queima	69
8º Capítulo Em Cada Ação um Ensino.....	71
A Voz do Silêncio.....	71

Cuidado com as Árvores	72
Echammal	72
Unidade.....	73
O Sadhu	74
Privilégios	74
Ação sem apego	75
9º Capítulo Ecos do Coração	77
Kavyakanta Ganapati Sastri – Rebatizado	77
Suri Nagamma — A Cronista da Meia-Noite	81
Kunju Swamy	86
Sundaresa Iyer	88
M. G. Sanmugan.....	92
10º Capítulo De Uma Forma Misteriosa	95
Arthur Osborne.....	95
Kitty Osborne	99
Paul Brunton	100
Mouni Sadhu	102
11º Capítulo Maha Samadhi	105
12º Capítulo Após o Maha Samadhi.....	107
Balarama Reddy	107
O Coração do Mundo.....	108
Sem Diferenças	108
A Revista “The Mountain Path”	109
13º Capítulo ... E Surgiu “A Luz no Caminho”	112
O Significado do Nome de Ramana - A Repetição do Nome Sagrado	117
Apêndice.....	120
Acontecimentos importantes na vida de Bhagavan	120
Bibliografia.....	123
Ramana Arunachala.....	124



Prefácio

“É tempo de decidir se Aquilo que vêem é um **Mito**, uma **Figura** ou uma **Força**.” Assim começava a orientação que nos foi dada em resposta à nossa dúvida com relação à compra da casa da Rua Maxwell 145.

“Aqueles que o olham como Mito, se apoiam, reverenciam e, em expectativa, aguardam respostas acertadas, que resolvam seus problemas, e se contentam. Os que olham a Figura, se encantam, demonstram devoção, e se contentam. Mas aqueles que já deixaram para trás o Mito e a Figura e sentem a Força, são instrumentos dessa mesma força. O ideal seria que todos tivessem ultrapassado as duas primeiras”.

Talvez seja uma pretensão, mas o propósito para o qual escrevo este livro é o de trazer, o de mostrar a quantos o lerem, não o Mito ou a Figura, mas a Força que interpenetra tudo, atraindo-nos para Ela e da qual nossos testemunhos são apenas um pálido reflexo.

“Conhecer Deus é ser Deus”, assim dizem as Escrituras. Conhecer a Força é viver Nela, ouvir-Lhe o Silêncio, aprender com Ela e, sobretudo, agir de acordo com o que Ela nos ensina. É entregar-se todo, com a certeza de que seremos cuidados com o mesmo amor com que uma mãe cuida de seu filho.

São palavras de Ramana: ‘Se você der um passo para Deus, Ele certamente dará dez passos em sua direção’, pois é só o que Ele espera, a sua aquiescência, a sua busca, para ligar-se a você, tal como o tigre que abocanha sua presa e não mais a solta.

Que a Luz de Bhagavan Sri Ramana Maharshi guie minha mente, coração e mãos, para que eu consiga desvendá-Lo para todos tal como eu O vejo.

Vera Carolina

1º Capítulo

O CHAMADO

*“O Senhor Shiva encarnou como Mãe Alagamal e deu Rama-
mana, o Divino, à humanidade sofredora. Vamos todos acei-
tar sua preciosa dádiva.”*

N.R. Krishnamurthy Aiyar

VENKATARAMAN

Com suas noites molhadas de orvalho e seus dias quentes, os ventos agradáveis e as nuvens errantes, o mês de dezembro tem encantos tão variados quanto o seu significado. É o mês em que os sinos do templo despertam os devotos para a Vida, nas primeiras horas da manhã. É o mês em que os Shivaitas adoram Shiva na forma de Nataraja, o intérprete do ritmo cósmico do movimento, que culmina com o festival de Kartikai, no qual o Senhor Shiva é adorado e levado em procissão pelas ruas e, de madrugada, novamente recolhido ao Templo.

Pois foi no exato momento em que a estátua adentrava no Templo, no dia 30, que em uma família de brâmanes nascia, em uma pequena cidade chamada Tiruchuzi, o menino Venkataraman.

Teria sido uma “coincidência” ou o próprio Deus Shiva lançava sua escolha e seu olhar sobre o recém-nascido?

Àquela época, os habitantes de Tiruchuzi dificilmente poderiam perceber que em seu meio havia nascido um yogi perfeito. O bebê Venkataraman era segurado e acariciado pelos moradores das casas que ladeavam a de Sundaram Iyer, durante boa parte do dia. Em uma das casas havia uma menina, Lakshmi, da mesma idade de Venkataraman; as duas crian-

ças brincavam juntas e eram companheiras inseparáveis. Venkataraman, enquanto mamava, insistia para que Lakshmi mamasse no outro peito de sua mãe, já que ele só foi desmamado quando tinha quase 5 anos.

E foi neste período de sua infância que Ele, pela primeira vez, buscou refúgio aos pés da Mãe Divina: Uma linda manhã Venkataraman e seus amigos estavam excepcionalmente alegres. O pai havia se ausentado e eles aproveitaram a oportunidade para subir ao sótão da casa e apanhar um amarrado de papéis velhos que eram, em verdade, relacionados com processos jurídicos já resolvidos. Logo fizeram uma porção de barquinhos de papel; daí a pouco, uma verdadeira frota fluuava no tanque do Templo.

Quando Sundaresa Iyer voltou para casa e viu o que tinha acontecido, explodiu em zanga. O pequeno Venkataraman tratou de desaparecer.

Na hora do almoço, sua ausência foi percebida; não o encontraram em lugar algum da casa, nem na casa dos amiguinhos; ninguém o havia visto.

Enquanto isto, o sacerdote do Templo estava se preparando para o culto do meio-dia à Divina Mãe. Ao entrar na parte mais profunda do Templo e remover os panos da imagem para banhá-la, ele viu, atrás da imagem, uma outra figura, sentada, imóvel como uma estátua. Ao olhar mais de perto verificou ser a criança que consideravam perdida! Logo notificou o pai ansioso, que correu para o Templo e levou o menino para casa carregando-o nos ombros.

Receoso da repreensão do pai, seu primeiro pensamento foi o de refugiar-se junto à Mãe Divina.

Venkataraman crescia forte e robusto. Freqüentava a escola tal como todos os meninos de sua idade. Aos doze anos, o imprevisto: com o falecimento do pai, a família mudou-se para a casa do tio paterno, na vizinha cidade de Madurai.

Aos dezesseis anos ocorre seu primeiro “encontro” com Arunachala: ao visitar em Madurai um parente que acabara de chegar de Tiruvannamalai perguntou-lhe de onde vinha. “De Arunachala”, foi a resposta. E a simples menção da palavra Arunachala produziu como que um encantamento mágico no jovem, à súbita compreensão de que a Montanha Sagrada era tangível, podendo ser visitada por qualquer ser humano.¹

Pouco tempo depois um outro fato parecia querer começar a conduzi-lo a seu destino divino: O tio de Venkataraman tomou emprestado um exemplar do *Periapuranam*, que narra a vida dos sessenta e três santos do culto tâmil. Ao lê-lo, Venkataraman emocionou-se ante a existência de tanta fé, tanto amor, tanto fervor divino. Mas, após a leitura, a rotina da vida diária voltou a envolvê-lo, até que aos dezessete anos uma grande mudança, trazida pela experiência-de-morte, ocorreu em sua vida. Vamos reportá-la com suas próprias palavras:

“Foi cerca de seis semanas antes que eu deixasse Madurai que aconteceu a grande mudança em minha vida. Eu estava só no primeiro andar da casa de meu tio, em perfeita saúde, quando um repentino temor da morte apossou-se de mim. Sentia que ia morrer e isso era inexplicável. O choque produzido pelo temor da morte fez com que minha mente se voltasse para dentro e eu disse a mim mesmo: ‘Agora vou morrer. O que isto significa? O que estará morrendo? Este corpo?’

“Então representei a cena da morte. Deitei-me com os membros enrijecidos, sustive a respiração, cerrei os lábios e disse a mim mesmo: ‘Este corpo está morto, será cremado e reduzi-

¹ Nota da autora: Esta é a versão mais conhecida deste episódio. Mas Sri Bhagavan disse certa vez que ela era um pouco imprecisa; desde a infância tinha ouvido o verso *“a mera lembrança de Arunachala confere salvação”*. Mas não tinha uma noção exata do que seria Arunachala. Quando seu parente mencionou que havia retornado de Arunachala, a idéia de que fosse possível ter contato com aquele Ser Supremo foi uma emocionante revelação.

do a cinzas. Mas, com a morte do corpo, estarei eu morto? Serei eu este corpo? Este corpo está imóvel, mas sinto uma força, um centro de energia atuando nele, e também ouço a voz do Eu dentro de mim, independente do corpo. Então, sou algo que transcende o corpo. O corpo material morre, mas o Espírito, que o transcende, não pode ser tocado pela morte. Sou, portanto, um Espírito imortal’.

“Não eram pensamentos imprecisos. Era a Verdade que eu percebia diretamente, sem qualquer processo de raciocínio.

“Até então eu não tinha idéia de uma Realidade Impessoal que sustenta tudo e de que tanto eu como *Iswara* éramos idênticos a essa Realidade.

“O Eu era uma coisa muito real, a única coisa real naquele momento.”

Daquele dia em diante o temor da morte desapareceu para sempre, e o EU passou a atrair sobre si a atenção de Venkataraman com poderoso fascínio.

Esta experiência direta do Eu é distinta de todo conhecimento obtido pelo esforço intelectual, que é limitado pelo espaço e pelo tempo. Aquele que passou por essa experiência direta do Eu é chamado *Jivanmukta* (o liberto em vida). A existência de tais seres, que são a encarnação viva da Verdade, torna essa Verdade acessível aos buscadores sinceros.

Mestres como Bhagavan são chamados *Aadhikarika Purushas* – agentes autorizados para reviver uma escola de pensamento que esteja entrando em esquecimento e/ou para guiar a humanidade em assuntos espirituais.

"Vim para Te devorar, mas por Ti fui devorado, ó Arunachala."
(Grinalda Nupcial de Letras, v. 28-b)

O CHAMADO

Havia chegado o momento do pássaro, até então cativo, voar em direção ao Pai.

Se antes já havia pouco interesse nos estudos, mesmo este pouco desapareceu; amudaram-se as visitas ao Templo, onde permanecia, sozinho, diante das imagens sagradas, sentindo uma emoção que jamais experimentara antes, rogando a Iswara que lhe transmitisse Sua Graça e aumentasse sua devoção.

Outras vezes, sequer orava – deixava que a profundidade em si mesmo se unisse à Profundidade Universal. As lágrimas demonstravam apenas o transbordar da alma e não qualquer sentimento de prazer ou dor.

Percebeu, então, que nada mais havia a fazer na casa de seu tio. Seu destino era outro – e o pensamento de Arunachala, que tanto o impressionara anteriormente, tomou posse de sua alma – era o próprio chamado de SEU PAI!

Após dezessete anos de uma vida aparentemente normal, a Graça da Vida despertara Nele. De nada consciente, entretanto sempre-Consciência, o veículo divino foi impelido para Arunachala, a Luz Permanente. Lá, totalmente dominado pela Luz, Ele permaneceu sentado, sentado, sentado. Não podia falar, não que Ele não quisesse. Não conseguia abrir os olhos, não que Ele não quisesse. Não podia mover-se, não que Ele não quisesse. Sentia-se sob o controle de um algo interno que era uma experiência de interminável consciência e oniabrangente Bem-Aventura. Era o estado de perfeito Silêncio, de perfeita Paz, a Realidade na qual despertara e na qual não havia ‘ele’ para agir.

Enquanto se concluía o trabalho do Pai, Seu Ser era renovado e reconstruído e, enquanto desfrutava do recesso interior da Câmara do Pai, o conhecimento exterior foi obliterado, até que, em Plenitude, estivesse totalmente consciente de Sua Unidade.

Quando a união estava firmemente concluída, percebeu que tinha perdido Sua capacidade de falar. E poderia ter permanecido quieto no deleite da Câmara de Seu Pai. Entretanto, Ele era todo-compaixão pelas pessoas, e os que O cercavam àquela época, testemunharam Seus esforços para voltar a articular as palavras.

As raposas têm as suas casas, os pássaros seus ninhos, mas o filho de Deus nada possui. Estaria o jovem Swamy preocupado com a obtenção do alimento? Não; a partir de então jamais se preocupou com o que deveria comer, beber ou vestir. O vestibulo do templo de Tiruvannamalai foi Sua primeira residência – a morada do filho seria a mesma do Pai.

Quando ainda no templo, o primeiro discípulo apareceu: Udandi Nayinar que, embora fosse um ardente estudante das Escrituras, não conseguia dominar sua mente, nem encontrar Paz. Nayinar passou a cuidar das poucas coisas de que o Swamy necessitava, na esperança de ouvir dos Seus lábios alguma instrução que lhe permitisse encontrar a paz. Ele não conseguia perceber que a paz e a contrição que havia sentido desde o primeiro momento na presença do Swamy era a mais alta instrução que podia receber.

Quando Nayinar teve necessidade de afastar-se, um outro devoto apareceu: Palaniswamy, que pouco conhecedor da língua tâmil, e com pequeno conhecimento literário, era, entretanto, profundamente interessado na leitura das Escrituras, embora as lesse aos tropeços, linha por linha, palavra por palavra. Foi quando se manifestou a compaixão do jovem Swamy por aquele que o servia com enorme devoção. Ape-

nas com um lançar de olhos o Swamy absorvia o conteúdo de tais obras para depois transmiti-lo com perfeição a Palaniswamy, que o escutava absorto

Somente após dois anos de sua chegada a Tiruvannamalai, Brahmana Swami (como era então chamado) foi viver no monte Arunachala. A partir daí, jamais abandonou o Monte. A caverna na qual se instalou inicialmente chamava-se Virupaksha e sua conformação lembra caprichosamente o Prana-va OM. Alguns dizem que ali, em verdade, pode ser ouvido o próprio som do OM.

Nada lhe faltava, mas também de quase nada necessitava. Tinha certeza que Seu Pai velava por Ele desde o momento em que, ao chegar a Tiruvannamalai, se despojara de todos os seus pertences e dissera: “PAI, OBEDIENTE A SEU CHAMADO AQUI ESTOU, TENDO ABANDONADO TUDO”.

*“Apenas pensei em Vós como ARUNA, a vida,
fui apanhado na armadilha de Vossa Graça.
Poderá a rede da Vossa Graça falhar, ó Arunachala?”*
— Grinalda Nupcial de Letras, v. 102.

O MONTE ARUNACHALA

Certa vez um devoto tomou a liberdade de interpelar assim a Bhagavan: “Bhagavan! Não quero nenhuma argumentação metafísica. Dê-me alguma evidência palpável. Deus existe? Você pode me mostrar Deus?” Sri Bhagavan deu um largo sorriso e disse: “Que outra coisa você pensa que Ele é?” e apontou Seus dedos para o Monte Sagrado, Arunachala!

E acrescentou: “Alguém pediu uma pedra do ponto mais sagrado de Arunachala. Quem pediu não sabia que cada po-

legada, cada seixo, cada grão de areia em Arunachala é sagrado.”

Tais afirmações nos demonstram como a experiência-de-Deus faz o coração se dissolver em amor. Pela simples menção do nome “Arunachala”, em cada olhar que Ele dirigia ao Monte, Bhagavan se desfazia em êxtase!

A Arunachala Ele faz a suprema auto-entrega, ao afirmar em um de Seus versos: “Seja a Tua vontade o meu prazer, ó Arunachala”. Ou quando afirma: Tão logo Tu me reclamaste, meu corpo e minha alma se tornaram Teus. Que mais posso desejar?”

O amor de Bhagavan por Arunachala ensina-nos a própria lição de Unidade: surge do Centro, todavia permanece no Centro como o Centro. Para alguém como Ramana, que não é limitado pelo corpo, só Aquilo existe, e Aquilo é Amor, o palpitar interior, palpitar que é o movimento do SER para o SER. Ele nos fala com brilhante simbolismo do amor e da união entre a alma humana e Deus; Noivo, filho, amigo, alma, servo – Sri Ramana encontra seu noivo, Pai, Guru, Mestre em Arunachala-Shiva.

E assim Bhagavan se expressou ao falar sobre o caminhar à volta do Monte: “O verdadeiro significado do caminhar em volta de Arunachala é tão efetivo como caminhar em volta do mundo. Isso significa que o mundo inteiro está condensado nesta Montanha.”

E explicou o significado da palavra *Pradakshina*. A sílaba PRA significa a remoção de toda espécie de tendências; DA significa a satisfação dos desejos; KSHI significa libertação de futuros nascimentos; NA significa alcançar a Libertação através da Sabedoria.

A caminhada deve ser feita em silêncio ou repetindo o nome do Senhor ou entoando cantos de louvor, ou seja, com a mente fixa em Deus o tempo todo. Devagar, como uma mu-

lher que estivesse no nono mês de gravidez. À medida que se prossegue a caminhada, o corpo se torna automaticamente harmonizado, tornando-se gradativamente mais sadio.

O Amor que O preenchia como Arunachala Ele o partilhava com todos – o que é Arunachala senão Amor corporificado, sólido, forte?, – o Amor que move o Sol e a Lua, e faz o coração de cada ser humano florescer como o Lótus.

Sri Bhagavan, o devoto, o aluno, o filho, se curva ante Arunachala. Bhagavan, o Sábio, fala a um devoto: “O Universo é como uma pintura numa tela – a tela sendo a Colina Vermelha, Arunachala. Se meditarmos n’Ela (Arunachala) há uma vibração mental ‘EU’ na qual tudo se transforma.”

Um acontecimento ilustra a submissão do Filho ao Pai. Quando a imagem de **Arunachaleswara** estava sendo levada em procissão em volta do Monte, foi realizado um ritual para o Deus diante do portão do Ashram. Bhagavan estava se dirigindo para o estábulo, mas imediatamente retornou. A cânfora ardente oferecida a **Arunachaleswara** foi trazida a Bhagavan, Ele tomou um pouco das cinzas sagradas e aplicou-as sobre Sua frente, dizendo: “O Filho é submisso ao Pai!”

Dentre os muitos versos que Bhagavan dedicou a Arunachala, este se revela bastante especial, pois é uma espécie de autobiografia na qual Ele revela o estado de Realização que alcançou, a revelação do SER transcendental da Colina como o SER SILENCIOSO e a extraordinária transformação, perfeita e espontânea, que determinou Sua vida desde que Ele chegou à Colina.

“Ainda criança vim a Ti, que eras superior ao pensamento.
Uma Luz em mim, conheci, desde a infância e então
Vim e Vi a Ti, imóvel e silencioso como a Colina.
Quem é, então, o vidente? Profundamente em mim sondou
Nenhum vidente então ficou,
Nem a mente sobreviveu para dizer – isto eu vi,

Ou mesmo para dizer – não vi.

Outrora, Tu ensinaste a Verdade a Dakshinamurthy, mas não pelo falar!

Podem, então, as palavras expressar esse estado de SER Transcendental, Ser do Ser Absoluto?

Revelando-Te assim, Eterno Ser, Tu pairas, ó velha Colina, e Te elevas da Terra ao Infinito!

É apenas a verdade verbal dizer que possuis uma forma, Sempre presente e sem forma, qual o penetrante céu, Tu és o Ser Puro.

Quem pode conhecer Tua natureza

Ou mergulhar nas Tuas profundezas,

E conservar ainda intacto o pequeno ego?

Para sondar a profundidade do Teu Oceano com a medida em mão

Uma boneca de açúcar, mergulhada, era uma só vez

E então – desapareceu para sempre!

Assim, para conhecer-Te, Tu Mesmo devemos nos tornar!

Foi o que descobri; eu mesmo era ninguém sem Ti,

Ó Colina com a forma “SAT-CHIT”! Tu és o SER em todos,

Em Ti todos os homens habitam

Se eles procuram por Deus, ignorando a Ti,

O SER em todos, caminharão apenas insensatamente.

E eis que buscam em vão apanhar, com lâmpadas na mão,

As sombras das trevas sempre invisíveis.

Em cada um dos credos que os homens adotam,

Tu tens um Nome e uma Forma.

Se o homem não viu Tua Glória,

É como o cego que não vê o Sol, a Fonte da Luz!

Tu és o cordão central sustentando os credos da Terra,

Que estão presos a Ti como contas,

Em Ti repousa tudo o que se move e gira.

Quando, através da pergunta sobre o SER

A mente se torna tão pura, qual gema perfeita,

Então absorve Tua Luz,

E ficará imune a todas as sombras lançadas pela visão dos objetos mundanos;

eles não impressionam mais.

E nada haverá, então, separado de Ti, ó SER do SER.

Tu És o Único Real

O Centro, a Luz e o Coração do SER.

E nele há um maravilhoso Poder, que de Ti não se separa

E de onde, misteriosamente, se levanta o fantasma da mente

Desenrolando em Tua Luz o filme do pensamento,

De figuras vistas, reunidas, formando um consistente sonho de vida

Mas nada pode ser separado de Ti, ó Supremo Senhor!

Sem o EU nenhum pensamento pode nascer.

Esse estado, que está além do “eu”, é o que devemos alcançar, até alcançar o SER SUPREMO.

Pergunte a quem nascem os pensamentos que não são “EU”

De onde eles surgem?

Pergunta e mergulha no teu íntimo,

Segue o eu e descobre sua origem - o Coração.

E Ele, que sempre reside Naquele - Coração, Ele é

O Senhor Supremo, sem comparação

Tu És o Coração, ó Colina de Resplandecente Graça,

Imóvel, contudo vibrante movimentador impassível

Nesse Teu Ser Puro, inatingível pelos pares de opostos

Pode existir o sonho de vida ou de morte, de Luz ou de trevas?

Poderoso Estado de Ilimitada Felicidade é esse!

As águas do mar, com a ajuda do Sol e do vento,

Se elevam, transformam-se em nuvens,

E a chuva cai, banhando colinas e vales,

E correm em riachos, para alcançar outra vez sua origem, o

Oceano - e ali descansam.

A ave que se eleva aos céus vai procurar o repouso lá, onde iniciou seu vôo.

O ego - fantasma que outrora surgiu de Ti,

A Ti deve voltar, ó Colina da Suprema Felicidade!

E em Ti deve encontrar seu repouso, sua Paz
E submergir, dissolver-se para sempre e SER, unir-se a Ti!

Este hino, que Sri Bhagavan chamou de “*Arunachala Ashtakan*”, até hoje é cantado pelos devotos, em louvor ao Maharsi quando vão fazer o Circuito da Montanha.

As Escrituras nos fornecem uma história sobre a origem do Monte Arunachala: Certa vez o **Senhor Brahma** e o **Senhor Vishnu** decidiram competir para decidir quem era o mais importante. Isto trouxe caos à Terra de modo que os **Devas** apelaram para **Shiva**, para que a pendência fosse resolvida. **Shiva**, então, manifestou-se como uma Coluna de Luz, de onde saía uma voz declarando que aquele que fosse capaz de encontrar-lhe as extremidades seria declarado o maior.

O Senhor Vishnu transformou-se num javali e começou a escavar a terra em procura da base, enquanto que Brahma tomou a forma de um cisne e elevou-se aos céus para encontrar a outra extremidade, mas nenhum dos dois obteve êxito. Embora não tivesse conseguido alcançar a base da Coluna, Vishnu perdeu-se em meditações, começando a perceber dentro de si a Luz Suprema, esquecendo-se até do seu corpo físico. Enquanto isso, Brahma, pretendendo ganhar através de um ardil, apanhou uma flor que caía de uma árvore da montanha declarando tê-la colhido no cume da Coluna de Luz.

Subitamente a Colina de Luz transformou-se no Senhor Shiva. Ele decepou uma das cabeças de Brahma declarando que este não devia ser adorado, enquanto que o Senhor Vishnu deveria receber adoração universal. Como a Coluna de Luz fosse tão luminosa que era impossível olhá-la, Brahma e Vishnu rogaram a Shiva para que tomasse uma forma mais benevolente.

E Shiva manifestou-se então na forma do Monte Arunachala dizendo: “Assim como a Lua recebe do Sol a sua luz, assim também os demais locais sagrados receberão sua santidade do Arunachala”.

“Esse é o único lugar em que assumi esta forma, em benefício dos que desejam adorar-Me e obter a Iluminação. Arunachala é o próprio OM. Aparecerei no cume deste Monte, todos os anos, no Kartikai, sob a forma de um fogo pacificador!”

*“Qual o nosso mérito para vires à Terra, tão generoso que todos podem partilhar de tua Graça?
Que mérito teríamos para nascer agora, e achar um lugar junto a Ti?”*

RAMANA – SAD GURU

A mente do homem está posicionada entre o Espírito e o mundo exterior. Quando se volta para o interior recebe intuições do Espírito; quando para o exterior recebe os dados do mundo manifestado, através dos sentidos. Isto conduz a mente ao esquecimento da Verdade do Espírito, tornando-a incapaz de, através Dele, deixar fluir a influência espiritual.

Por isso o Espírito, incapaz de aflorar diretamente do interior, manifesta-se exteriormente, a fim de atrair a atenção da mente e voltá-la para o interior. Tal manifestação “exterior” é o GURU. O Guru seria como uma “isca” —comendo e dormindo, tendo um nome e local de nascimento surge como O SILENCIOSO para atrair a atenção daqueles que já estão próximos do despertar espiritual.

Isto mostra qual a função do Guru: sua função não é, primordialmente, expor doutrinas ou teorias. Ele pode até fazer isto incidentalmente —foi o que Maharshi quis dizer quando declarou que ensinava em Silêncio; não que Ele não desse explicações, mas elas não constituíram Seu ensinamento essencial.

Os devotos que conviviam com Ele, raramente lhe perguntavam algo sobre doutrina —procuravam, em verdade, apenas

absorver Suas palavras, Seu silêncio, Suas ações. Os “grandes perguntadores” eram sempre os visitantes ou os devotos mais novos.

Assim, a verdadeira função do Guru é despertar a corrente espiritual em nós e fazer-nos voltar ao nosso interior, impelindo-nos em direção à libertação da ilusão do ego para a realização do nosso Estado Natural. Nós prendemo-nos ao Guru externo, esquecidos de que Ele, lá de dentro, trabalha intensamente para nos ajudar no esforço de abrir a flor de lótus do nosso Coração.

A diferença entre o Guru e os “outros” é que o Guru se identifica consciente e integralmente com o Espírito, através a experiência e o conhecimento vívido

Uma vez que Ele alcançou a Unidade com o Absoluto, sua única intenção é fazer com que nós também nos integremos, ou reintegremos ao Todo, e prova-nos ser a ponte firme, o elo seguro entre nós e o Absoluto.

São palavras de Ramana: “O Guru é aquele que, em qualquer ocasião, habita nas profundezas do SER, não vendo, nunca, qualquer diferença entre Ele próprio e os “outros”, estando totalmente livre da idéia de que Ele é um Iluminado ou um Liberto enquanto aqueles à Sua volta permanecem na escuridão ou escravidão da ignorância. Ele jamais se perturba”.

Entretanto, quando discípulos se reuniram à Sua volta, recusou-se a ser chamado Guru, pois insistia —“para Aquele que vive no SER não há ‘outros’” — logo, não haveria tal relacionamento Guru-discípulo. A Iniciação que concedia era totalmente despida de rituais — um olhar penetrante, contínuo, um sonho ou visão ou apenas a certeza, no coração do discípulo, de que havia sido cativado.

Muitas pessoas, quando iam ao Ashram, vendo as reações de Ramana, atribuíam-nas erroneamente à mente ou ao

ego. Na verdade, tais reações eram a Sua peculiar maneira de ensinar. Esses ainda não haviam despertado para a Graça que é encontrar “o” Guru.

Ter um Guru é ter uma proteção além de todos os limites. Mas não vamos entender de maneira errônea essa proteção — o Guru nos protege até de nós mesmos. Ele procura nos ensinar a regra básica do Viver para Deus, que é: “Faça-se em mim a Sua vontade, Senhor!” Ter um Guru é ter alguém que nos mostre com firmeza os passos a seguir. Não é livrar-se das dores: é aprender com elas, aprender com a vida, com os que nos cercam, pois o Guru é sempre “aquele que ensina”.

Sendo um tigre, abocanha e conduz a presa, algumas vezes por caminhos que nos parecem tortuosos mas sempre a repetir: “Observe, aprenda. E, em sendo possível, silencie”.

Como se chega ao Guru? Deus, que é imanente, em Sua Graça tem misericórdia do devoto sincero e manifesta-se em um corpo físico. O devoto pensa que ele, o Guru, é um homem, e espera amizade. Mas o Guru, que é o SER encarnado, trabalha no interior do devoto e o guia corretamente até que este realize o SER.

Quando carregado para o interior, o devoto sente que “há um poder maior que o homem”. A existência deste poder deve ser admitida e reconhecida.

O ego é um poderoso elefante e não pode ser controlado a não ser por um leão, que não é outro senão o Guru. O que temos de fazer é submetemo-nos dizendo: “SENHOR!, Vós sois meu refúgio!” O Guru então observa: “Este homem está em condições de receber orientação” e, assim, o orienta.

O Guru é o Espírito da Orientação. E ele nos fala: “Somente quando a ilusão do indivíduo separado ‘eu’ (ego) é dissolvida, o SER é sentido como Única Realidade. Em verdade, o Gu-

ru é o **SER** ou Deus manifesto em forma humana como um meio para conduzir Seus devotos”.

Isto é dar um sentido mais sublime ao termo ‘Guru’, como alguém estabelecido em constante identidade consciente com o **SER UNIVERSAL**, executando Sua função divina.